

Baker quer definição...

por Paulo Sotero
de Washington
(Continuação da 1ª página)

controle fiscal, que o representante dos EUA numa reunião da diretoria do Banco Mundial (BIRD), ao votar contra um empréstimo de US\$ 80 milhões da International Finance Corporation (IFC) para o Brasil, foi um claro sinal prévio da disposição americana.

Uma avaliação final negativa do relatório do FMI teria o efeito imediato de não ratificar o acordo que o Brasil fez com o Clube de Paris, cobrindo os vencimentos do primeiro semestre da dívida oficial — e impediria, ainda, novos acordos no futuro. Segundo a fonte, Washington tem, além disso, a opção de fechar as poucas torneiras de crédito e garantia, de curto prazo, que mantém abertas para o Brasil, seja no Eximbank, seja na Commodity Credit Corporation (CCC). "O Brasil pode ser progressivamente coloca-

do numa posição de 'default', afirmou a fonte.

A impressão de que Baker poderá apresentar uma espécie de ultimato a Bresser, reafirmando que o contribuinte americano não pagará a conta da moratória e da dívida, não é má notícia apenas para o Brasil, mas também para os banqueiros, a maioria dos quais nunca deixou de ter a esperança de que, mais cedo ou mais tarde, os governos dos países industrializados, sob a liderança dos EUA, assumiriam parte das perdas da crise. A certeza de que não devem esperar nada de Washington poderia impelir, assim, os credores privados a uma busca de entendimento com o Brasil. Se é isso que acontecerá, ninguém sabe. Mas, sintomaticamente, na sexta-feira passada, havia em alguns grandes bancos um enorme interesse em saber se o ministro da Fazenda deixará espaço, em seu programa, para conversar com eles.

Baker quer definição do Brasil

por Paulo Sotero
de Washington

O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James A. Baker III, não parece ter nada de novo ou especialmente positivo para oferecer ao ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira. Segundo fontes oficiais bem informadas, seu convite a Bresser para uma conversa, marcada para a manhã desta terça-feira, foi motivado mais pela crescente apreensão do governo americano, nas últimas semanas, diante da ausência de qualquer iniciativa do Brasil para buscar um entendimento com os bancos, do que pelo desejo de abrir quaisquer novos caminhos para facilitar esse entendimento.

No primeiro encontro que tiveram, em julho, Baker alertou Bresser que não deveria contar com o apoio de Washington para nenhuma iniciativa não convencional, alegando que seu governo se queimara ao apoiar um acordo do Brasil com o Clube de Pa-



James A. Baker III

ris, sem o Fundo Monetário Internacional (FMI), apenas para ver o Brasil, um mês depois, suspender o pagamento aos credores privados.

De volta das férias, que passou caçando patos no Estado de Wyoming, Baker encontrará munição farta, preparada por seus assessores, para usar na conversa com o ministro brasileiro. Segundo um alto funcionário da administração, o sentimento generalizado em Washington é de que já se agüentou muito "nonsense" do Brasil e que é hora de colocar as cartas na

mesa: ou o governo brasileiro toma as medidas necessárias para endireitar sua economia e inicia uma negociação séria com os bancos ou "se autodestruirá". O alto funcionário recusou-se, contudo, a fazer comentários mais específicos sobre o encontro Baker-Bresser, afirmando que "as coisas estão num ponto muito delicado".

Ele demonstrou, contudo, uma indisfarçável irritação em relação às declarações que Bresser fez, na semana passada, propondo uma conversão de metade da dívida em títulos de longo prazo, afirmando que o fato de anunciar publicamente a proposta é a melhor indicação de que ela não tem chances de ser levada a sério. "Bresser está-se comportando e soando cada vez mais como o Funaro. E isso nos causa grande preocupação." Complicando ainda mais o cenário, a fonte indicou que há dúvidas, em Washing-

ton, sobre a validade de qualquer compromisso que Bresser possa assumir, pois não há nenhuma indicação de que o ministro tenha mandato ou perspectiva de durabilidade no poder para honrá-lo.

Se não tem nada a oferecer, como Baker poderá pressionar Bresser? O secretário do Tesouro tem, segundo uma outra fonte oficial, algumas armas óbvias à sua disposição. A primeira poderá ser disparada já no dia seguinte, quando a direção do FMI se reunirá para discutir o relatório que a missão anual de consulta da instituição preparou sobre o Plano Bresser. Embora faça várias reservas, especialmente à política fiscal, o relatório tem um tom positivo. Isso animará vários representantes europeus, no "board" do FMI, a dar um voto de confiança a Bresser. Mas todos sabem que o tom da avaliação dependerá do que disser o representante americano, principalmente pelo fato de fazê-lo um dia depois da conversa Baker-Bresser. A declaração política de ataque à moratória brasileira é a falta de

(Continua na página 15)